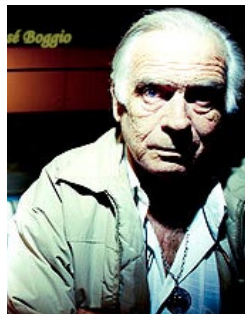


Entrevista: Aspectos e considerações sobre roedores



Med. Vet. Angelo José Boggio
 CRMV/SP 00427
 Higienista Ambiental Registro nº 001
 e.mail: angeloboggio@hotmail.com

O boletim da APAMVET entrevistou o higienista ambiental, médico veterinário, Angelo J. Boggio. Como o assunto é interessante e ocupa muitas páginas, a Redação publica a 1ª parte da entrevista nesta edição, deixando para o próximo número a sua conclusão com as considerações sobre o combate a roedores.

Angelo J. Boggio é graduado em Medicina Veterinária no ano de 1968, na 30ª Turma da Faculdade de Medicina Veterinária/USP, na Rua Pires da Mota 159. Turma composta de outros ilustres Veterinários e pesquisadores e professores de nossa profissão, entre os quais destacamos: Ariel de Oliveira Guedes; Carlos Eduardo Reichmann; Constâncio de Carvalho Neto; João Gilberto Lopes Pereira; João Palermo Neto; Maria de Lourdes Aguiar Bonadia; Nilson Ferreira; Ronaldo Mateus Define; Sylvio Marci Santos e Wanderley Pereira de Araújo.

O Colega Boggio participou de inúmeros cursos de aperfeiçoamento com excelente aproveitamento nas áreas de Bioquímica, Química Macromolecular, Eco- toxicologia Médica, afirmando, quando consultado, ter sido pioneiro na montagem de um Serviço de Controle de Roedores e Vetores no Brasil e criar o primeiro Centro de Controle de Zoonoses.

Sobre a carreira do Veterinário Angelo J. Boggio, a jornalista Cristina Moreno de Castro publicou na Folha de São Paulo [17-04-2011] artigo destacando minúcias das atividades de nosso entrevistado. O artigo dá destaque ao apelido pelo qual Boggio era conhecido por seus colegas: “Doutor Ratão!”. Neste artigo, “Doutor Ratão” era o terror dos roedores do Metrô há 35 anos; até dedicar-se quase exclusivamente à desratização dos tuneis do Metrô Paulistano, ele era higienista da Secretaria Municipal de Higiene e Saúde, quando num momento de necessidade e de extrema urgência foi chamado para exterminar uma

praga de ratos que assolava os tuneis de nosso Metrô! Em 1975, uma pane parou, por horas, o Sistema de Metrô de São Paulo. Distúrbio este provocado por “milhões” de ratos que infestavam os tuneis e roíam cabos elétricos importantes causando a travessão dos sistemas eletrônicos.

A partir da pioneira participação do Colega Angelo Boggio nenhum rato causou qualquer outra pane. Ele afirma convicto: “hoje o Metrô de São Paulo é considerado um do mais limpo do mundo; hoje as equipes matam cerca de três ratos por mês, no começo eram ‘milhões’. Não é exagero afirmar, mas os roedores faziam filas debaixo dos trilhos eletrizados com 750 volts de corrente contínua, com o único propósito de eriçarem seus pelos e assim se livrarem dos carrapatos e piolhos que os parasitavam.” Naquela época, o Metrô era menor; tinha ao redor de sete quilômetros... e o Dr. Ratão era um só.

Dr. Boggio está aposentado e hoje o Metrô conta com uma equipe de sanitização de mais de 30 técnicos.



Danos em cabos ópticos e elétricos provocados por roedores: dão origem a falhas de transmissão e curtos-circuitos.

Controle de roedores e outros animais sinantrópicos no Metrô de São Paulo

Animais sinantrópicos são aqueles animais que se adaptaram à convivência com os seres humanos, vivendo ao nosso lado a despeito de nossa vontade, com capacidade de transmitir doenças e causar agravos à saúde do homem ou de outros animais domésticos.

Como os roedores se alimentam também de baratas, o controle de ratos abrange a eliminação de insetos. Por isso, todas as noites, cinco equipes de sanificação se dividem e fazem o trabalho em trechos especificados, tanto nos túneis, trilhos, estações e trens, como também na área externa – num raio de 50 metros tendo como centro as estações: Os sachês com venenos são trocados a cada 60 dias, a desinsetização é feita a cada 90 dias, atualmente usando inseticidas a base de substâncias piretróides e o controle de mosquitos

transmissores da dengue, a cada 20 dias. Se o metrô suspender essa rotina, poderia ocorrer uma invasão enorme de ratos e baratas. É um trabalho sem fim!

Além de colocar as iscas, as equipes de sanificação fazem seu trabalho nos trilhos desenergizados no combate às baratas.

O Boletim Apamvet pergunta ao Dr. Boggio qual produto escolher como raticida. Ele recomenda três tipos de iscas, alternando-as para evitar que os ratos se acomodem com as situações; ele não designa esses produtos, dizendo apenas que são anticoagulantes, matando os roedores por hemorragias; os animais levam os sachês para a toca, causando a morte de outros ratos. Ele afirma com simplicidade: “Eu não escolho os produtos, quem escolhe são os ratos!”

A respeito do palpitante tema do controle de roedores, há para se destacar o discurso feito pelo Deputado Rui Codo (MDB) em sessão da Câmara dos Deputados, e publicado no Diário do Congresso / DOU de cinco de dezembro de 1975 (seção I), quando afirmou: “Senhor Presidente e Senhores Deputados, tendo tido oportunidade, através de minhas investigações, de observar problemas vinculados à Saúde Pública, principalmente no campo de roedores, surpreendi-me ao verificar o quanto ainda há por se fazer.” Complementando a seguir: “Estando em São Paulo pude contatar com o Dr. Ângelo José Boggio, técnico profundamente conhecedor do assunto, que está, atualmente, introduzindo no Brasil, através de um grupo de trabalho, as mais modernas técnicas de combate aos roedores e vetores de áreas urbanas e rurais, desenvolvidas na Hungria, Alemanha, Itália e Suíça, dadas a conhecer no último Congresso Mundial em Saúde Pública sobre roedores, do qual participou como convidado do Governo Húngaro, onde vários organismos como a Organização Mundial de Saúde, se fizeram presentes. Tais técnicas estão sendo examinadas minuciosamente, visando à sua implantação no nosso meio ambiente”. O Ilustre Deputado Federal por São Paulo complementou seu discurso com o seguinte elogio às atividades desenvolvidas por nosso Colega Boggio, dizendo: “No mencionado Congresso, o Dr. Angelo Boggio abordou um problema de suma importância – a utilização atual e indiscriminada de venenos violentos no combate aos roedores no Brasil por curiosos e até empresas privadas que se dizem especializadas. Os venenos à base de estricnina, monofluoracetato de sódio, arsênico, alfa-naftil-tio-ureia [ANTU] e fósforo amarelo encontram-se no mercado à disposição do incauto comprador sem respeito algum às leis vigentes no País. Enfatizou



Desinsetização em trem e no entorno das estações.

Fonte : Departamento de Imprensa do Metrô



sobremaneira a necessidade de uma melhor atenção dos órgãos fiscalizadores sobre a produção, manuseio, e a utilização de raticidas, pois leis sobre o assunto já existem e devem ser respeitadas.”

O ilustre Deputado Federal aproveitou, ainda, a oportunidade para apresentar as preocupações de nosso preclaro Veterinário entrevistado neste momento: “A maior preocupação do Dr. Boggio é a de conscientizar não só as empresas privadas como os Poderes Públicos para a utilização única e exclusivamente de raticidas à base de anticoagulantes como princípio ativo, nas menores concentrações possíveis.” Concluindo, que “No Brasil, são várias as firmas que produzem esse tipo de raticida, cuja capacidade de produção total é suficiente para cobrir as necessidades da demanda do mercado brasileiro.” Destacou o eminente técnico, ainda, a necessidade do aperfeiçoamento dos Médicos Veterinários que se dedicariam ao atendimento das demandas de diferentes setores da Saúde Pública ao afirmar: “O corolário desse trabalho seria a formação de técnicos especializados nos mais variados setores que o problema exige.”

Em continuação ao seu brilhante discurso na Câmara de Deputados, o Deputado Rui Codo apresentou [Evidentemente, com a colaboração do Dr. Boggio!], substancial, histórico da difusão dos roedores pelo planeta, destacando, também, importantes características biológicas das três espécies de roedores da família *Muridae*: *Rattus norvegicus* [ratazanas]; *Rattus rattus* [rato de ferro] e *Mus musculos* [camundongos], apresentando como conclusão, as seguintes recomendações para o efetivo controle dos roedores:

1. Educação sanitária;
2. Levantamento específico das diferentes áreas;
3. Medidas de desratização;
4. Medidas de controle e continuidade;
5. Medidas profiláticas;
6. Controle do índice populacional murino; e
7. Controle epidemiológico.

A entrevista segue no próximo número do Boletim APAMVET.